

Anos '90: a gravura continua

A gravura brasileira é uma das mais importantes manifestações de nossa cultura tanto em sua forma erudita quanto na popular.

Isto é o que parecia clamar a exposição "Xilogravura, do Cordel à Galeria", que esteve em pauta recentemente no MASP e nas estações S. Bento, Sé e Trianon, do metrô de S. Paulo, na qual participei com a instalação Pipa-piloto, trabalho de 1987.

Com a competente curadoria de Leonor Amarante, que, amavelmente, me colocou ao lado de Maria Bonomi e de "O Elogio da Xilo" de Haroldo de Campos, esta mostra traz um resgate que se fazia necessário, desde que, nos anos setenta, um processo autofágico, provocado pela serigrafia, acaba por descaracterizar, pela facilidade, a gravura, roubando-lhe o galardão de arte democrática, porém de qualidade.

Talvez tenhamos que recorrer a Bonito Oliva, teórico da transvanguarda e do pós-modernismo, para entendermos este novo interesse em relação à gravura, quando ele afirma que a arte, a partir dos anos '80, "...se abebera no mais profundo de uma reserva inesgotável onde abstrato e figurativo, vanguarda e tradição vivem no cruzamento de uma pluralidade de reencontros". Daí o sucesso tardio produzido por exposições como a de Escher, sobretudo entre os jovens.

Reafirmando esta constatação, São Paulo se viu, neste mês de agosto, tomada pela gravura: além da exposição do MASP, a mostra da magnífica obra do gravador Albrecht Dürer (agora, em Brasília) e a surpresa da exposição "Anos 90: a gravura contínua". E bem, e renovada, e contemporânea.

Este belo demonstrativo da pujança da gravura torna inevitável, para mim, como professora e coordenadora do Núcleo de Gravura da UnB, uma comparação positiva: aqui, o cerrado como "fonte geradora de imagens" ou presença, inda que rarefeita, celebrando a diferença entre uma gravura do centro-oeste e esta paulista, tensionada entre o construtivismo mais rigoroso e o gestual urbano do grafitti, quase espontâneo.

Assim é que estamos comemorando, este mês, os 15 anos do Ateliê de Xilogravura da UnB, com a exposição "Xilo porque qui-lo", a ser realizada de 19 a 30 de setembro, no IdA - Espaço Cultural e, a seguir, no Espaço Cultural da 508 Sul. No início do próximo ano esta exposição será levada para o Ateliê Experimental do MAC/USP em São Paulo, para a Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão e, provavelmente, para o Museu da Gravura, em Curitiba.

Com a agenda lotada, o Ateliê de Xilogravura da UnB, coordenado por mim, ainda estará lançando o álbum "Terra Brasilis: pássaros do cerrado" em Brasília e na Feira de Frankfurt, na Alemanha, em outubro. No final do ano é tempo do Xilocalendário '95, intitulado "Em Extinção", com lançamento previsto para novembro/dezembro.

E quem quiser ver gravura da melhor qualidade, de um mestre que não faz concessões, no IdA Espaço Cultural, temos, até o dia 24 de setembro, a exposição "Babinski no IdA".

Professora STELLA MARIS DE FIGUEIREDO BERTINAZZO
Coordenadora do Núcleo de Gravura - Universidade de Brasília